

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Prisioneiros do passado

Todo mundo deu o seu recado sábado em Porto Seguro: as ONGs, o MST, os punks, a estudantada e mais quem se apresentou naquela demonstração de furor contestatório à deriva, cujo resultado objetivo noventa e nove somou rigorosamente zero.

Se o foco eram os índios, se a intenção era marcar a passagem dos 500 anos de Brasil centrando atenção nas origens – opção discutível dado que o país começou mas, até segunda ordem, ainda não terminou – da Conferência dos Povos Indígenas do Brasil que se realizava ali, por exemplo, nem se ouviu a voz.

Fingindo-se de coadjuvantes, meros expectadores engajados, os protagonistas foram outros que de resto não transmitiram mensagem alguma a quem quer que seja sobre coisa nenhuma.

Pois fartaram-se também as televisões estrangeiras, notadamente as européias, que tiveram um dia inteiro de garantia de reafirmação via satélite da opressão cotidiana a que o autoritarismo congênito dos trópicos submete sua gente.

Perfeito como cena para consumo externo, lamentável como evidência de que a mentalidade colonizada é confortabilíssima esta condição. Desobriga a existência do debate profundo, do enfrentamento dos problemas em sua real dimensão, da abordagem das questões que nos aprisionam no passado e mantêm oprimidos permanentemente à disposição para serem usados à conveniência da ocasião. Desde que tudo permaneça como está, desde que nada seja diferente do que sempre foi, contabiliza-se a vitória.

É a quem pertence essa vitória seria um tema excelente para reflexão sobre a maneira brasileira de exercer cidadania, de lidar com a democracia a duras penas reconquistada pelo conjunto dos brasileiros e por gente que um dia foi expulsa de seu país pela intolerância dos que não conseguem conviver com quem pensa diferente.

Apenas como obra de ficção admite-se como verdadeiras as lamentações dos que, após o confronto entre polícia e manifestantes e a prisão de 141 pessoas, condenaram o ocorrido. É falso o lamento, pois na realidade adoraram que tudo tivesse se passado como se passou.

Tiveram a indispensável e monumental colaboração do governo, que, à falta de energia, disposição, vontade, atenção, sensibilidade, propostas e competência para ocupar os espaços da passagem dos 500 anos, criou o vácuo inevitavelmente preenchido pelo conflito.

De almoz de Orlando Villas Bôas, o senhor Marés promoveu-se à categoria de herói da resistência

A intenção era verdadeiramente esta, criar uma situação de confronto que evidentemente sabia-se precisaria ser enfrentada de alguma forma pelo oficialismo. E este, como não arrumou antes o que dizer, viu-se diante da única possibilidade que era a de impedir ou a exibição de constrangedora paralisia ou a produção de cenas realmente dantescas.

O confronto foi buscado e o governo correspondeu às expectativas. Simples como isso e nada mais.

Sem capacidade de reação prévia, restando apenas a via da repressão, viu-se o governo na situação exata do moleque menos esperto que no jogo de infância nunca sai do João Bobo. Todos jogam, enquanto ele corre de um lado a outro sem jamais pôr a mão na bola. Ainda que seja dela guardião.

E em matéria de manipulação da leniência alheia, o ex-presidente da Funai Carlos Frederico Marés mostrou-se de fato um campeão. Fez coisíssima alguma nos cinco meses em que ocupou o cargo a não ser omitir-se como figura de governo nos preparativos das comemorações e travestir-se de sentinela da lei ao demitir Orlando Villas Bôas de uma assessoria da Funai.

Na ocasião, o Planalto decidiu-se pela demissão, vacilou diante do aval do então ministro da Justiça, José Carlos Dias, e preferiu ignorar o poder de fogo de um aliado, amigo, irmão e *ghost-writer* do senador Roberto Requião – inimigo assumido e ilimitado –, que se sabia alvo permanente de uma demissão a qualquer instante.

Deu no que se viu. Oportunista, o senhor Marés mirou a melhor oportunidade e ontem deixou o governo imolando-se em solidariedade aos manifestantes, exibindo ainda uma conveniente mas pusilânime indignação de secos e molhados. Dessas disponíveis em estabelecimentos de segunda ordem se encontram as ofertas mais baratas da praça.

Não é a primeira vez, e lamentavelmente não será a última, que o governo é feito assim de tolo por sua própria incapacidade de se adiantar a fatos cujas favas estão contadas e à vista de todos.

De almoz de Orlando Villas Bôas, o senhor Marés conseguiu em breve tempo promoção à categoria de herói da resistência. Como manifestação de esperteza, uma maravilha. Mas como representação daquilo que apequena a alma brasileira – a simplificação da realidade, o incentivo ao escapismo e o exercício da oposição rastaquera que se alimenta da miséria e faz de pasto os que não podem sair dela –, uma verdadeira tristeza.

Daquelas que se a sociedade brasileira não souber por si livrar-se com urgência, tornando-se consciente de que a liberdade para ser exercida por todos pressupõe a observância de procedimentos entre os quais se inclui os de caráter, tardará ainda o dia em que deixaremos de ser escravos do passado.